

CENAS E CENÁRIOS NA GEOGRAFIA ESCOLAR: PRÁTICAS ESPAÇO-VISUAIS

Jéssica Mesquita Barbosa (1); Marcos da Silva Rocha (1);

Universidade Federal do Ceará (UFC), jessicambarbosa0@gmail.com
Universidade Federal do Ceará (UFC), marcos.rocha@hotmail.com

Resumo: Este trabalho expõe práticas e reflexões em torno de uma geografia escolar que se utiliza de aportes espaço-visuais (cenas e cenários) como recursos na construção de processos de ensino e aprendizagem significativos. Fotografias, *selfies*, vídeos e peças teatrais são alguns dos recursos que o presente artigo versa. Busca-se compreender o potencial das Cenas e Cenários no ensino de geografia apontando como as espacialidades e visualidades exploradas a partir destes recursos tornam-se poderosos aliados no (des)envolvimento de uma prática educativa significativa. A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas públicas da cidade de Fortaleza/CE com enfoque distintos, contudo, com diversos pontos de convergência, como por exemplo, a exploração da visualidade e de técnicas de captura de imagens dinâmicas (vídeo) e estáticas (fotografia).

Palavras-chave: Geografia, Teatro, Jornal, Cenas e Cenários.

INTRODUÇÃO

Este trabalho expõe práticas e reflexões em torno de uma geografia escolar que se utiliza de aportes espaço-visuais (cenas e cenários) como recursos didáticos na construção de processos de ensino e aprendizagem significativos. Fotografias, *selfies*, vídeos e peças teatrais, entre outros temas, são alguns dos recursos que o presente artigo versa, ora como experimento, ora como proposição. Desafios e potencialidades se apresentam no percurso do desenvolvimento deste trabalho, no entanto, acreditamos que é fundamental encarar a profissão de professor sendo mais do que uma escolha, deve ser visto como um desafio que se aceita, pois se enfrentam diversos desafios durante o exercício da profissão.

A concepção de professor intelectual e reflexivo baseia-se na compreensão do trabalho docente. Entender que o professor tem papel fundamental na sociedade e que os conteúdos e metodologias trabalhados em sala de aula também têm caráter social na formação do ser humano e no entendimento do seu espaço. Esta pesquisa permite compreender a complexidade da estrutura social ao qual determinada escola está inserida e pensar caminhos para um fazer educacional significativo. Conforme Lüdke (2013 p.79), para esse professor, o conhecimento das condições reais dos seus alunos é o fio condutor do seu trabalho em classe.

Portanto, a presente pesquisa acolhe tais desafios e lança uma investigação em torno do que chamaremos de *práticas espaço-visuais* traduzidas em atividades práticas com o uso de cenas e cenários geográficos. A Geografia, enquanto

ciência e disciplina escolar, é encarada por muitos como uma disciplina visual (NOVAES, 2011). Consideramos esta concepção correta e válida, mas também acreditamos que ela está longe de esgotar o universo de concepções do fazer geográfico. Portanto, encaramos esta faceta espaço-visual do conhecimento geográfico para guiar nossa reflexão.

UMA METODOLOGIA DE BASE ESPAÇO-VISUAL

Esta pesquisa é fruto de resultados colhidos em duas escolas públicas de Fortaleza/CE. A primeira delas, a Escola Municipal Santos Dumont localizada no bairro Bom Jardim. É importante dizer que este bairro faz parte a periferia (social e geométrica) da cidade de Fortaleza, e por este e outros motivos é um dos bairros da capital cearense com maiores índices de criminalidade: homicídios, roubos, tráfico de drogas etc. A outra escola que foi *palco* da pesquisa é o Colégio da Polícia Militar do Ceará – General Edgar Facó. Está localizado na Av. Mister Hull, 3835, km 1, no bairro Antônio Bezerra, em Fortaleza, estado do Ceará. O colégio foi fundado em 1997. É uma escola integrante da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social, conveniada à Secretaria de Educação do Estado. Tal convênio cede recursos financeiros e materiais, equipamentos escolares, livros didáticos, merenda escolar, professores e outros profissionais. Além dos recursos financeiros vindos da SEDUC – Secretaria da Educação.

A primeira escola, EM Santos Dumont trabalhamos com as *Cenas*. Portanto, optou-se pelo teatro, e este foi encarado pelos alunos de 6º ano com o novo desafio, tendo em vista que este é um trabalho que demanda exercício de criatividade desde a elaboração do planejamento. O trabalho com o teatro em educação no Ensino Fundamental em um primeiro momento pode parecer intimidador para os menos íntimos das artes em geral. Surge então um questionamento: serão os alunos do sexto ano da Escola Municipal Santos Dumont também intimidados por uma proposta de trabalho com teatro?

A cena construída coletivamente com os alunos montou um palco de batalha onde o conflito - Guerra da Água no Brasil de 2040 - e suas motivações são o cerne da encenação, o conflito dentro da atividade cênica é fundamental como aponta Burla e Aguiar (2009) quando afirmam que

Teatro é conflito, sem ele Romeu e Julieta seriam felizes para sempre no primeiro ato, Terezinha, de Chico Buarque, casar-se-ia com o primeiro e teria a casa fedendo a flores. O fato de alguém dizer não é que gera a dialética do texto teatral e enriquece o espetáculo, que se desenvolve entre diferentes vozes, muitas das quais mudam de lado, traem-se e intrigam (e irritam) tanto quanto podem o espectador. (2009, p. 4)

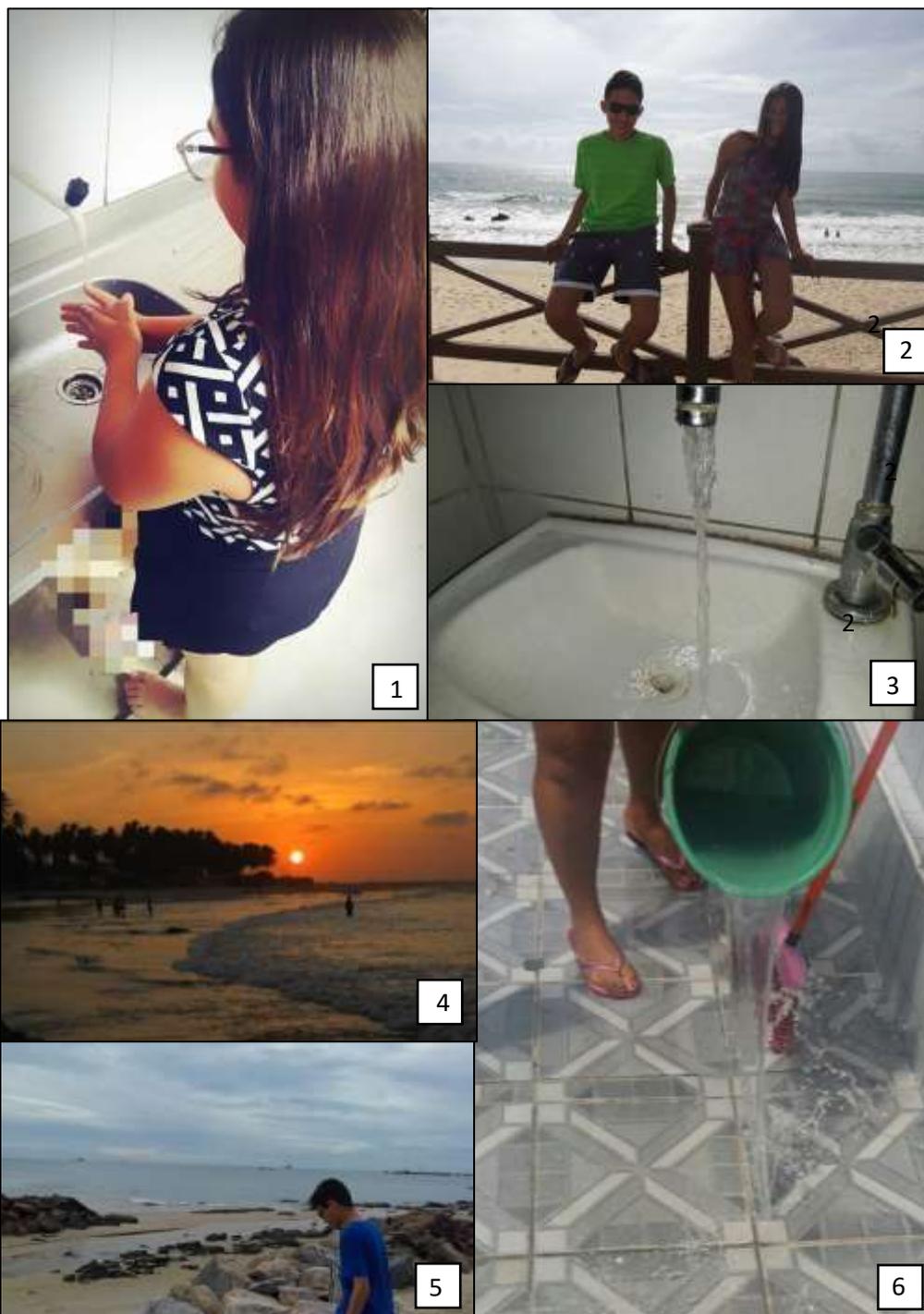
Na segunda escola, trabalhamos com cenas e cenários, utilizando-se de fotografias feitas pelas por alunos do 8º e 9º ano. A ideia inicial era que eles fizessem uma dramatização de algumas situações que envolvesse um suposto racionamento de água em Fortaleza. No caso, eles seriam filmados, com autorização prévia dos pais, a partir de um roteiro pré-escrito e cenários da própria escola. Devido algumas dificuldades de logística e agenda apertada de segundo semestre, optamos por trabalhar com fotografias que os próprios alunos fizessem em seus cotidianos em que retratasse atividades feitas com água. Poderiam ser eles os protagonistas das fotos, como também familiares, paisagens diversas, animais de estimação... o que importava na atividade era ver o quão importante e presente é a água no cotidiano das pessoas.

Posteriormente, em sala de aula, eles em grupo usando as suas fotos, imaginariam manchetes de jornal noticiando os ocorridos, trabalhando dessa forma o gênero jornalístico e utilizando-se de sua imaginação. Depois, as experiências seriam compartilhadas em sala de aula, de modo que ao fim, todos pudessem construir suas próprias notícias juntos. Essa atividade também seria uma forma de avaliação, tendo em vista que o assunto água era tratado no livro didático. Assim, eles fariam uma abordagem interativa do assunto. Também devido ao calendário apertado de fim de ano, não foi possível concluir dessa forma a atividade.

A maneira que achamos de driblar esses obstáculos foi apelar para a virtualidade. Combinamos com os alunos de eles mandarem essas fotos pelo *WhatsApp*. Os alunos de 7º e 8º ano tiveram duas semanas para mandarem essas fotos, em que ao mesmo tempo, também teriam que mandar manchetes de jornal relacionada ao conteúdo da foto.

Apesar de serem métodos em que se espera uma alta adesão dos alunos por fugir do cotidiano muitas vezes maçante de sala de aula, a participação se torna pouco massiva, em relação ao número de estudantes da sala pela falta de interesse no próprio contexto escolar no geral. Essa atividade, ao contrário da atividade com telejornal na escola do bairro Bom Jardim, em que os alunos tiveram uma participação exemplar e que envolveu toda a classe, não obteve o mesmo efeito.

IMAGEM 1: MOSAICO DE FOTOS ENVIADAS PELOS ALUNOS DO COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR EDGARD FACÓ



Manchete foto 1: Lavar as mãos pode evitar doenças, segundo cientistas

Manchete foto 2: Praia passa a ser vista como área de lazer em Fortaleza

Manchete foto 3: Se você não economizar, a água vai acabar

Manchete foto 4: Praias de Paracuru são uma das mais visitadas do Brasil, segundo pesquisa.

Manchete foto 5: Praia do futuro sofre com poluições

Manchete foto 6: Uso de água para lavar piso passa a ser proibido no Brasil

IMAGEM 2 – MOSAICO DE IMAGENS ENVIADAS PELOS ALUNOS DO COLÉGIO MILITAR EDGARD FACÓ



Manchete foto 7: Piscina ajuda a colocar atividades físicas em dia

Manchete foto 8: Água ajuda a hidratar no verão nordestino

Manchete foto 9: Batismo traz Jesus às famílias em Fortaleza

Na escola Santos Dumont, os alunos do 6º ano encenaram um conflito no ano de 2040 em que a água é escassa e há uma disputa violenta pelos recursos hídricos. Aqui, mais uma vez o gênero jornalístico é explorado quando os alunos encenam um jornal especializado justamente em expor a série de conflitos que estão acontecendo na cidade. Os próprios alunos ajudaram na construção do roteiro, na montagem de cenário, nos objetos usados em cena. Além disso, houve uma participação maciça da turma, o que demonstra seu interesse por atividades que saiam do cotidiano de escola regular.

A edição do vídeo foi feita usando de diversos recursos audiovisuais que lembrassem realmente uma guerra, com barulho de tiros, música de suspense, além de alunos se passando de âncora de jornal e repórteres. O vídeo, após de editado, foi apresentado para os alunos, em que houve um retorno muito positivo. O material ficou disponibilizado na escola e também no site *Youtube*, através do link <https://www.youtube.com/watch?v=-rj6RydCpLk>.

IMAGEM 3 – MOSAICO DE IMAGENS DO VIDEO “GUERRA DA ÁGUA EM 2040”



CENAS E CENÁRIOS: DIALOGANDO COM UMA VISUALIDADE GEOGRÁFICA

O cenário para Gomes (2008) é um “instrumento para desvendar o conjunto das figurações espaciais e suas relações com o enredo ou trama, ou seja, com a própria estrutura narrativa” (2008, p. 204).

Trabalhar cenas e cenários no contexto dos processos de ensino e aprendizagem de geografia não reinventa a roda, tampouco esgota as possibilidades de tratamento da temática, mas abre caminhos para se pensar “a renovação dos métodos na educação pode cumprir um papel importante na desestabilização da forma clássica de relação com as imagens que a geografia cultivou ao menos desde o século XIX”. (NOVAES, 2011, p. 12).

Tendo em vista a utilização do teatro e jornal nas montagens e execução destes planos fica claro que uma das intenções no trato com atividades cênicas também é o próprio processo de reinvenção dos processos de ensino e aprendizagem. E uma das principais formas de se conseguir esta reinvenção é na retomada da aproximação da Escola com a Universidade, pois como expõe Oliveira (2010) “não existe problema intrínseco à Geografia Ensinada pela escola básica. Cabe, nesse sentido, continuar extraindo dados a respeito da realidade do ensino e implanta.

A escola funciona como um palco para as ações didáticas que visam formar alunos para a convivência em sociedade. O Teatro, que tem origem grega que é “Uma história que tem como pano de fundo um espaço; essa história é norteadora por

um texto e por muito trabalho dos atores” (BURLA, 2009) escola nada mais é do que um grande teatro, a peça mais reproduzida e atuada da nossa sociedade, no qual apesar de ter diversos atores e narrativas, se constituem de uma mesma matriz e tem praticamente o mesmo fim. Seja nos mais humildes palcos, seja nos grandes e glamorosos palcos.

“Por isso, as classes dominantes permanentemente tentam apropriar-se do teatro e utilizá-lo como instrumento de dominação. Ao fazê-lo, modificam o próprio conceito do que seja o “teatro”. Mas o teatro pode ser igualmente uma arma de libertação. Para isso, é necessário criar formas teatrais correspondentes. É necessário transformar” (BOAL, 1988, p 1)

Podemos, dessa forma, fazer uma analogia com o ensino no Brasil, pois como o teatro, as classes dominantes utilizam a educação como um instrumento de dominação e também segregação. Só tem acesso a melhor qualidade quem pode pagar por ela, e a repressão intelectual praticada por eles reprime quem menos tem. A educação, principalmente quando falamos no contexto freiriano, pode ser uma importante arma de libertação de um sistema que oprime o mais fraco, no caso, o mais pobre. Também pode ser uma forma de inserção nesse sistema, que na sociedade atual, quer dizer sucesso.

A geografia a serviço do estado maior, serve como um enredo para explicar como sistema educacional é falho, assim como uma peça de teatro não está à disposição de todos. A escola se torna nada mais do que uma grande encenação de como ensinar, aprender, de como é o dia-a-dia do mundo. Segue os mesmos preceitos do teatro, pois segundo Magaldi (p. 7, 1994), “no teatro dramático ou declamado, [...] são essenciais três elementos: o ator, o texto e o público”. Não há como dizer ao certo quem desempenha cada papel, pois cada personagem a cada dia na escola, está em diferentes situações que os intitula de forma diferente, sendo muitas vezes, todos desempenhando o mesmo papel ao mesmo tempo.

DISCUSSÃO CONCEITUAL, COM REVISÃO DAS LEITURAS PROPOSTAS A PARTIR DO TEMA *GEOGRAFIA EM CENAS E CENÁRIOS*

No curso de Geografia, aprendemos conteúdos que ensinaremos em sala de aula, sistematizadas por pesquisadores e reproduzidas na Universidade e constroem a nossa formação enquanto geógrafos. Agora pensemos: como transmitir todo esse conteúdo em sala de aula? Pois,

Os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas isoladas entre si, sem qualquer explicação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem. Assim, nem sequer se pode denomina-las teorias, pois são apenas saberes disciplinares em cursos de formação, que em geral estão completamente desvinculados do campo de atuação

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

profissional dos futuros formandos. (PIMENTA e LIMA, 2008, p. 33)

Nesse contexto, devemos pensar como nossos professores estão ensinando Geografia. De acordo com Passini (2010, p. 78) “o bom professor é aquele que consegue trabalhar a construção do conhecimento com os alunos independente do espaço e da infraestrutura que lhes sejam disponibilizados”. Na Geografia, se faz ainda mais necessário um aparato de materiais, como globos, mapas, maquetes, aulas de campo.

Podemos pensar em uma solução para as condições da escola de hoje com o desenvolvimento dramático do teatro no início do século XX na Europa, como afirma Benjamin (1993, p. 12):

A compreensão das engrenagens sociais ampliou a consciência da sociedade sobre os seus próprios processos. O movimento artístico, dentre eles, o teatro, entrou em consonância com este momento histórico. O conhecimento dos, agora aparentes, mecanismos sociais requeria a reformulação de novas concepções teatrais; a cena passou a investigar suas configurações internas, buscando linguagens que possibilitassem um diálogo efetivo com a realidade em transformação.

A geografia enquanto estudo das relações espaço-homem, deveria no contexto escolar fazer reflexões sobre as causas de estarmos e trabalharmos em certas situações. Se o teatro consegue se moldar de acordo com o contexto atual, a conjuntura política, às condições físicas, por que a escola e o professor não conseguem? Seria o professor um eterno ator especializado em improvisação, que deve “se virar nos trinta” de acordo com o que é imposto por ele? Importante que se tenha, assim como o teatro tem, a possibilidade de reformular também as concepções escolares e também geográficas, de modo que a linguagem se adeque para o seu receptor, e para além disso, se aprimore para acompanhar os avanços da sociedade. Que seja possível fazer uma geografia e uma escola traduzível e vivível para professores, alunos e sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte de encenar na escola se torna algo tão natural que acaba por ser despercebida em sala de aula. A personalidade da professora em sala de aula muda, dependendo do dia, das condições físicas, do comportamento dos alunos. A diretora. Que recebe ordens da secretaria de educação, tem que se portar de diferentes formas para uma boa gestão da escola. Quanto aos alunos, nem se fala. Quem na adolescência tem comportamentos homogêneos, ainda mais na escola onde cada um está com a personalidade a flor da pele por causa dos hormônios? Se ele gosta ou não da aula, se ele acha que precisa agradar o professor para ganhar algum ponto, se ele está interessado em uma colega da turma... cada

situação ele deve encenar uma personalidade diferente para poder se adequar.

Falando nisso, lembramos de uma passagem do livro “Aula de Geografia”, de Manuel Fernandes, que diz:

A utilidade que a criança vê em aprender geografia é a mesma que tem o aquecedor do Lada, apropriado para derreter neve, no Nordeste Brasileiro. No fundo, é uma violência destemida da sociedade inteira contra uma menina que queria mesmo era brincar e fazer coisas divertidas (NETO, 2008, p. 63)

Pensamos que fazer geografia vai para além do discurso de que ela é a ciência mais importante, a que pode mudar o mundo e a vida das pessoas. A Geografia se torna importante apenas para aqueles que a fazem, pois na sistematização da ciência vemos algum sentido nela. Mas é importante lembrar que qualquer ciência só se torna efetiva, ao meu ver, se ela for justamente percebida (por seres não geógrafos) se for de forma implícita, que sirva antes de tudo para fazer um manejo do espaço e relações sociais de forma saudável. Isso para mim, é geografia para além da universidade.

Nesse contexto, pensamos que nosso papel enquanto geógrafos e professores seja ensinar uma geografia que seja implicitamente e explicitamente eficaz na formação intelectual dos alunos, que juntamente com a matemática, a dança, o vôlei, a conversa com os avós, seja um meio de entender como funciona o mundo. Apesar de isso ser uma tarefa bem complexa para qualquer pessoa, acreditamos que cada pessoa tem o poder na sua mente de fazer uma revolução do Espaço, e a nossa ferramenta será a Geografia. As dos nossos alunos, será a Geografia, as outras disciplinas, sua vivência e sua imaginação. Por isso, é importante que sejam pensados e estratégias e atividades como essas em que os alunos sejam protagonistas no processo de ensino e aprendizagem. Em tempos de Escola sem Partido, Conservadorismo, Família tradicional brasileira, extrema direita e extrema esquerda, golpes presidenciais, cremos que como profissionais e educadores, pudesse-se mostrar que desde que Brasil é Brasil, a desigualdade social, de gênero, de raça, é enraizada e que o mesmo potencial de ódio que existe pode ser transformado em potencial de escutatória e paciência. Cremos que com essas atividades que levam em consideração a criticidade do aluno, seu cotidiano e criatividade possam se algo significativo para que ele possa se sentir parte do processo de aprendizagem, assim como da construção da sua cidadania.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Daniel Abreu de; MORAIS, Marcelo Alonso. **Ensino de geografia: novos temas para a geografia escolar.** Rio de Janeiro: Consequência: 2014.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1996

BOAL, Augusto: **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas.** Civilização Brasileira, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BURLA, G; AGUIAR, V.T.B de. **O teatro e o ensino de Geografia.** Porto Alegre: Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia (Anais), 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/YbQAcu>>. Acesso em: 04 de Abril de 2018.

BURLA, Gustavo; AGUIAR, Valéria Trevisan Burla de. **Teatro e o Ensino de Geografia.** ENPEG. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia.

Colégio da Polícia Militar Edgar Facó. **Histórico.** Disponível em: <http://cpmgef.com.br/historico/>

DESGRANGES, Flávio, **Quando Teatro e Educação ocupam o mesmo lugar no espaço.** Disponível em: **Geografia.** Cortez Editora: São Paulo, 2007.

GOMES, Paulo C. da Costa. **Cenários para a Geografia:** sobre a espacialidade das imagens e suas significações. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Espaço e cultura: pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 187-210.

LAKATOS, E. Maria; MARCONI, M. de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa.** 7 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LÜDKE, Menga. **O professor e a pesquisa.** Campinas: Papyrus, 2001.

MAGALDI, Sábado. **Iniciação ao teatro.** São Paulo: Ática, 2004.

NOVAES, André Reyes. Uma geografia visual? Contribuições para o uso das imagens na difusão do conhecimento geográfico. **ESPAÇO E CULTURA**, UERJ, RJ, N. 30, P.6-22, JUL./DEZ. DE 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/UXKrVU>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Sentidos da Geografia Escolar.** 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de Ensino e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia.** São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Aula de geografia e algumas crônicas.** 2ª Ed. Campina Grande: Bagagem, 2008.